

Arte contemporânea: virtuosa ou grotesca?

Maestro Allan Christian

Em meio às inúmeras - e cada vez mais recorrentes - polêmicas acerca do conceito de Arte em nossa história recente, resta-nos, para o presente momento, a reflexão. A violência com que manifestações ideológicas – sejam estas de cunho político, religioso *etc.* – desferidas sob a alcunha de “obras de arte” têm atingido a sociedade em dias atuais não passa despercebida. E neste panorama, através da relativização e da planificação das ideias, é posto em xeque o conceito de Arte. Outrora carinhosamente cultivada enquanto um dos mais belos frutos da virtude humana, a Arte passa na contemporaneidade por um intenso processo de degeneração. A relativização ideologicamente imposta ao conceito de Arte tenta diluir a essência do fenômeno artístico e, desta maneira, forçadamente, fazer com que o conceito de “arte” passe a abarcar e justificar praticamente qualquer coisa. Em meio a este cenário caótico surge, fatalmente, a seguinte questão: o que é Arte?

Historicamente, a origem do termo “Arte” tem seus dois principais pilares nos idiomas que foram as “línguas-mães” do pensamento e da cultura ocidentais: o Grego e o Latim. Em sua acepção latina, o termo “Arte” deriva do termo “*Ars*”; enquanto, em sua acepção grega, deriva do termo grego “*areté*” - na transliteração para a língua portuguesa. O termo latino “*Ars*” remete aos termos “técnica” e “habilidade” inseridos no panorama de uma manifestação de cunho estético. O processo criativo de cunho artístico tem enquanto pontos de partida a busca do belo e a necessidade de expressar ideias e emoções que fundamentam o projeto artístico sob o qual a obra de Arte é cunhada. O termo “*areté*” tem, por sua vez, uma origem que remete aos conceitos gregos de “virtude” e “excelência”. Denota também a capacidade de perfeito cumprimento de uma tarefa à qual o indivíduo é designado. Ambas as origens designam um panorama em que o impulso criativo do projeto artístico - ao se apropriar de uma linguagem - visa expressar um significado que transcende a própria existência física ou do artesanato que o materializa.

Uma maneira simples de delinear o conceito de Arte é em oposição binária ou dialética em relação ao conceito de artesanato. Nesta oposição, observa-se um confronto baseado nos conceitos de concretude e abstração. Em linhas gerais, a Arte possui um significado ou conceito que antecede e transcende a existência física do artesanato que lhe concede materialidade. Uma obra de Arte expressa um significado que vai além do corpo físico que pode ser captado através dos cinco sentidos humanos: o fenômeno da comunicação do significado artístico se dá no universo das ideias, não ficando restrito, assim, ao objeto físico que pode ser sensorialmente captado – e muito menos aprisionado nos limites físicos-dimensionais do objeto artesanal. O artesanato se mostra, por sua vez, enquanto uma mera ferramenta quando aplicado no processo de realização

material do corpo físico – ferramenta e objeto estas invariavelmente subordinados aos princípios criativos da obra de Arte. Desta maneira, Arte abarca e detém o artesanato enquanto ferramenta realizadora; enquanto o artesanato – devido à sua propriedade de não materializar um projeto artístico-criativo e não deter um significado que vá além de sua própria existência - não detém a Arte: este se restringe ao significado de si próprio. Enquanto o termo Arte é oriundo do conceito de *areté*, o termo artesanato mostra-se intimamente vinculado ao conceito grego exprimido pelo termo *techné*.

Além dos supramencionados parâmetros poéticos-criativos que compõem o projeto artístico e antecedem o ímpeto criativo em si, a Arte pode ser objetivamente avaliada através de diversos parâmetros - dentre eles o grau de excelência atingido pelo artista que a cria. Porém, atualmente, a devastação trazida pela relativização e planificação das ideias objetiva liquefazer estes supramencionados conceitos. Desta maneira, iguala-se o discurso e nivela-se a obra de um pseudoartista com a obra de um artista histórica e esteticamente referendado. Assim, a esterilidade e a instantaneidade de “obras de arte contemporânea” – como, por exemplo, um chão branco cheio de sucatas facilmente confundíveis com lixo - são equiparadas às obras-primas que levam anos para ficarem prontas e até mesmo séculos para serem historicamente preparadas. Assim, dentro deste nefasto cenário que uma minoria politicamente privilegiada almeja, seria perfeitamente cabível a equiparação de qualquer trabalho de qualquer “artista” – seja este um mero empilhador de coisas ou de sons - ao trabalho de um Leonardo, Michelangelo ou Rodin, por exemplo. Este fato, por sua vez, seria absoluta e comicamente impalpável sob as rédeas da não-relativização dos conceitos.

A pesquisa por aberrações estéticas que foram elevadas ao *status* de “obras de arte” não requer muita disposição. Através de uma simples pesquisa no *Google* pode-se levantar uma série de fatos icônicos em apenas alguns segundos. Dentre os casos mais famosos em âmbito internacional temos, por exemplo, o caso do rapaz que foi grosseiramente advertido no *Kunst Museum* por ter sentado em uma “obra de arte” que nada mais era que uma cadeira colocada aleatoriamente no saguão do museu. Um outro conhecido caso diz respeito a um quadro que foi arrematado por US\$10.000 em um leilão de arte e que, mais tarde, foi descoberto que este foi pintado por um chimpanzé (Sim! Um macaco!). Ou mesmo o caso de uma “pegadinha” que ataca exatamente esta esterilidade artística. Trata-se do caso de um estudante que deixou um abacaxi em cima de uma mesa em um museu de uma universidade escocesa. Somente após ter sido apreciado como obra de Arte e se deteriorado durante seis dias - tornando-se então insuportavelmente fétido - a curadoria da exposição se deu conta do engano: não se tratava de uma obra de arte inscrita na exposição. Outro caso grotesco bem conhecido é o relato de um professor universitário de Artes da Inglaterra. Ele aplica um teste em particular aos seus alunos: expõe um retalho de seu avental de pintura (colorida e acidentalmente borrado) dizendo tratar-se de uma obra de arte de um famoso artista conceitual contemporâneo, e pede para que os alunos apontem os méritos e valores daquela

“obra de arte”. As respostas por ele relatadas são as mais assustadoramente bizarras. Porém, os casos mais notáveis são, sem sombra de dúvida, os incontáveis casos em que as absolutamente estéreis “obras de arte” são confundidas com lixo e retiradas dos locais de exposição pelos faxineiros dos museus. Há também as conhecidas “*performances* cênicas” e as “*performances* musicais” que veementemente debocham dos verdadeiros *performers* são um insulto à inteligência até mesmo dos mais desprovidos. E estes casos já são mais que suficientes, por si só, para encerrar a discussão acerca da valoração da arte.

Em contrapartida, temos obras de Arte que perduram por séculos e permanecem enquanto referenciais estético-históricos para a humanidade. Uma obra genuinamente artística produz um arrebatador impacto estético mesmo sobre os mais leigos ou insensíveis dos expectadores - e jamais, em hipótese alguma, seria confundida com lixo. Como exemplo, podemos citar as superfamosas obras *Mona Lisa* de Leonardo, ou o teto da *Capella Sistina*, pintado por Michelangelo; as sinfonias de Beethoven, ou as cantatas de Bach - dentre inúmeras outras. Tais obras foram referenciais estéticos em suas épocas, e perduram até dias atuais como algumas das maiores referências artísticas para a humanidade. Na contemporaneidade, podemos citar, por exemplo, *O Pensador*, de Auguste Rodin; *Gurre-Lieder*, de Arnold Schoenberg; *Lux Æterna*, *Atmosphères*, *Requiem* ou *Lontano*, de György Ligeti. Tais obras supramencionadas são arrebatadoramente impactantes mesmo quando apreciadas por um leigo. Apesar da realidade de que, mesmo nos circuitos especializados estas peças são raramente compreendidas do ponto de vista estético, estas, ainda assim, mesmo dentre os leigos, despertam o *ethos* e o *pathos* dignos de uma genuína obra de arte. Porém, deve-se frisar que, no caso de obras de Arte genuinamente fiéis ao conceito de Arte, este impacto se dá exclusivamente no âmbito estético. Quando a “obra de arte” não é dotada do brio artístico-estético típico de uma genuína obra de Arte, este impacto é quase que invariavelmente transferido para aspectos ideológicos que explicitam fortes ataques aos modelos ético, moral, estético, político, social ou religioso da sociedade. Neste panorama, o conceito de Arte é totalmente substituído por um conteúdo de caráter e teor absolutamente ideológicos e, nestes casos, invariavelmente desprovidos de virtude artística. E estes fatos só podem ocorrer dentro de um panorama onde a diretriz principal parte da ausência de parâmetros objetivos na concepção, apreciação ou avaliação da Arte, de maneira a relativizar tanto a obra quanto o conceito de Arte. Eis a “grande sacada” da relativização.

A confusão instaurada por este fenômeno abjeto faz com que o cenário se torne propício tanto à tentativa de dissolução do conceito de Arte quanto à abordagem da Arte sob uma ótica pejorativa, violenta e escatológica. É em meio às grotescas aberrações de cunho puramente ideológico e vetores da mais óbvia, profunda e abominável esterilidade artística - que nos deparamos hoje em dia não só no cenário brasileiro como também no cenário internacional - que se faz absolutamente explícita a forçada tentativa de relativizar e planificar não somente o conceito de arte, mas também o pensamento e os princípios culturais, morais e éticos

fundamentais a toda uma sociedade. Esta força surge com o intuito de relativizar e planificar o conceito de Arte de maneira que qualquer objeto estéril absolutamente desprovido de brio possa ser elevado ao *status* de obra de Arte. Por mais grosseira que possa parecer esta última afirmação, ela denota perfeitamente uma nova tendência dentro do circuito internacional de “arte” contemporânea. Esta tendência surge como uma tentativa de “aristocratização” – em sua pior acepção - dos mecanismos artísticos, onde uma minoria dotada de grande parte do poder político e completamente desprovida de conhecimento estético-artístico manipula um grupo de supostos “artistas” estrategicamente escolhidos e financeiramente apoiados. Tal ação se dá de maneira a criar “obras de arte” supostamente complexas e profundas através das quais estes podem - mesmo que imersos na mais profunda ignorância – parecer sofisticados aos olhos de uma sociedade estrategicamente subeducada. Assim, falsamente atribui-se um suposto significado à absolutamente qualquer coisa, mesmo que completamente desprovida de conceito. Desta maneira, pode-se criar uma abismal – mesmo que completamente falsa – distinção em relação àqueles que supostamente não são capazes de apontar mérito ou sequer extrair significado da mais profunda insignificância destas “obras de arte”. Desta maneira, ao criar uma distinção em relação aos leigos em Arte, atribui-se uma falsa superioridade intelectual àquele pequeno e envaidecido grupo politicamente dominante. E este fator se mostra enquanto uma extremamente nociva e eficaz ferramenta política.

Como previamente discutido, o que se observa hoje em dia, em âmbito geral, consiste em nada menos que uma feroz tentativa de relativização e planificação do pensamento. Este é um princípio primordial à revolução cultural, que visa reescrever tanto a história como a maneira como a entendemos e abordamos. E o que abre caminho para tal planificação é, invariavelmente, a desonestidade. Infelizmente vivemos, em especial nós brasileiros, imersos em um ambiente onde nas últimas décadas a desonestidade intelectual foi elevada ao nível de linha de pensamento filosófico. E neste panorama padecem os verdadeiros artistas, aqueles que não se adequam à “nova ordem” da *mainstream* e do *establishment*. Além de maculado pelo quase pejorativo rótulo de “artista contemporâneo” decorrente da destruidora postura dos pseudoartistas, os verdadeiros artistas ainda são atacados invariavelmente em âmbito pessoal - devido à quase invariável incapacidade de seus opositores de argumentar contrariamente às suas ideias e modelos sem desferir ataque de cunho pessoal. Faz-se, então, a famosa “desconstrução da imagem”, caminho inversamente proporcional ao “culto à personalidade” daqueles escolhidos e acolhidos pelo *establishment*. Do ponto de vista histórico, é facilmente observável - no âmbito político-social - o explícito prevailecimento de alguns modelos. E, mediante total planificação e relativização das ideias, dos princípios, dos modelos e do pensamento, temos o supramencionado nivelamento de todas as ideias: um ambiente no qual, sem exceções, todas as ideias e modelos “merecem” e possuem o mesmo espaço e o mesmo valor. Neste panorama relativista e planificador, os modelos

que sempre prevaleceram e que ainda hoje prevalecem são, invariavelmente, aqueles mais superficiais e violentos.

Por fim, a Arte - em sua acepção originalmente virtuosa - é um universo capaz de abarcar fenômenos expressivos das mais variadas vertentes. Ciência, sentimentos, impressões, religiosidade, política, e uma infinidade de outros parâmetros podem ser objetos de inspiração e elementos germinais do projeto artístico de uma obra de Arte genuína. O grotesco, a libido, a negação também podem igualmente ser objetos poéticos para o processo criativo em Arte. Porém, nenhum destes supramencionados jamais pode reivindicar a obra para si. Devem ser objetos de inspiração da criação, e não a própria criação em si, pois isto destruiria a abstração do fenômeno e, conseqüentemente, a sua transcendentalidade – reduzindo assim o fenômeno artístico a uma mera manifestação de cunho ideológico, seja esta de índole política, religiosa ou qualquer outra que não a manifestação da criação artística.